



PRUDENTINA
A HISTÓRIA DE UM CLUBE
MAGESTOSO

2009

Previsão do tempo.

Primavera, verão, outono, inverno.

E Prudentina em todas as estações.

*Um grupo de homens
notáveis
fundou a Prudentina*

A Prudentina nasceu de uma idéia surgida na mente de uma plêiade de homens extraordinários. Cidadãos de coragem e espírito de luta irreprimíveis. Eles planejaram construir uma associação para a cultura do esporte em todas as suas modalidades. E deu certo. Aí está o clube, imponente, altaneiro, dirigido por novos empreendedores que conduzem no mais alto nível da eficiência, as lições deixadas pelos precursores que o fundaram em 1936.

O nome de batismo nunca foi mudado: Associação Prudentina de Esportes Atlético. A gloriosa Apea, que recebeu daqueles notáveis homens do passado, as cores branco, preto e encarnado. As mesmas cores do pássaro jandaia paulista. A última reunião para fundação da Prudentina, foi dia 26 de outubro de 1936, no prédio da Rua Nicolau Maffei, número 8. Ali estavam figuras nobres da sociedade de Presidente Prudente, todas empolgadas com o empreendimento que começava a nascer.

E na mesma data, os idealizadores do projeto elegeram a primeira diretoria da Apea. Presidente, Adalberto Goulart; vice-presidente, Arthur Marrafão; primeiro secretário, Dídimo de

Jesus; segundo secretário, Francisco de Vivo; tesoureiro, Victório Cornaglia. Agora existia um novo clima, com aroma de esporte e lazer na cidade, na época com 19 anos de fundação e já despontando como um comboio condutor da economia

de vasta região do Interior de São Paulo.

Interessante como o nome do clube foi escolhido. A finalidade lazer, até que não era levada muito em conta. Mas o esporte, sim, se aliando a ele, o atletismo. E seria uma entidade de pessoas com um objetivo comum, com o mesmo ideal. Além dos envolvidos no projeto, pessoas da comunidade podiam opinar, vieram as sugestões, porém quando foi mencionado o nome Associação Prudentina de Esportes Atléticos, todas as outras propostas saíram da pauta de análise.

O batismo ganhou unanimidade. Logo, o basquetebol, na ocasião conhecido por bola ao cesto, ocupou a frente das modalidades que a Prudentina teria daí em diante. O orgulhoso Adalberto Goulart apressou-se em dar impulso imediato à diretoria e Arthur Marrafão, Dídimo de Jesus, Francisco de Vivo e Victório Cornaglia

responderam com a altivez que os caracterizava. Os cinco deveriam nomear os primeiros auxiliares, tarefa favorecida pelo colossal círculo de cidadãos que os cercavam.

Escolheram Miguel Di Colla para o cargo de capitão da equipe de bola ao cesto, e como treinador, Elias Fernani. Tudo ficou registrado em ata, escrita por Antônio Silveira Júnior, encarregado da secretaria. O livro foi assinado por Adalberto Goulart, Dídimo de Jesus, Victório Cornaglia, Waldemar Pires, Joaquim Reis, Miguel Di Colla, Francisco de Vivo, Elias Fernani, Raul Ignácio Pires, Gumercindo Blumer e Albino Coutinho. Homens que são os fundadores natos da Prudentina.

Aos 36 anos, Presidente Prudente não era exatamente uma cidade de expressão econômica forte. No entanto, não parava de crescer, vivendo ainda uma imigração intensa. Assistia a efervescência dos maquinistas de café, dos operários que viram o núcleo urbano brotar do nada, enquanto colocavam tijolo sobre tijolo, tábuas ao lado de tábuas. Caixeiros viajantes que a cada visita encontravam mais gente, mais

entusiasmo, mais negócios, estrangeiros que elegeram o lugar sua nova pátria.

O comércio também se expandia. Nasciam as primeiras indústrias. O fundador da cidade, Francisco de Paula Goulart, parecia não entender com exatidão o sucesso tão rápido da semente introduzida por ele, naquele 14 de setembro de 1917. Oponente político contumaz de Goulart, José Soares Marcondes cuidava bem de sua vila, a Marcondes, e de patrimônios igualmente abertos por ele e que ajudaram a transformar a ocupação e o desenvolvimento agropastoril da Alta Sorocabana.

E agora, a partir de 26 de outubro de 1936, existia a Associação Prudentina de Esportes Atléticos (Apea), o clube branco, preto e encarnado que iria ajudar a fortalecer e entreter a sociedade. Como escreveu o mestre Alberto Montalvão: "Quando o homem dedica suas energias a um grande empreendimento, encontra a verdadeira realidade da sua missão na vida".

Foi o que fizeram os construtores desse clube, que no início adotaram a Rua Nicolau Maffei, número 8, como sua sede. Durante o dia, muito trabalho. No final do dia, os encontros e as

discussões sobre o futuro e o crescimento da associação, cuja credibilidade irreprimível fez apressar a inscrição de muitos sócios.

Diretoria dá ênfase ao basquete

Fundado o clube, ainda que funcionando numa sede precária, provisoriamente, era preciso dar-lhe a estrutura suficiente para ganhar, de fato, estilo de esporte e lazer. Mas o caminho estava muito bem delineado. Cidadãos comuns foram chamados a assumir a venda dos títulos de sócios, visitando os futuros compradores nas suas casas, empresas e nos empregos assalariados. A

publicidade se fazia com a criatividade exigida e até os diretores viraram corretores, usando de suas influências, para ajudar a arrecadar dinheiro para as obras.

As ofertas de títulos de sócio foram estendidas à região e o negócio prosperou também além dos limites de Presidente Prudente. Afinal, a Prudentina surgia como a melhor alternativa de se praticar esporte e entreter-se. Miguel Di Colla não se descuidava da formação da turma de bola ao cesto (basquetebol), na sua condição de capitão. Jovens e adultos se inscreviam no time, uns se orgulhavam por serem bem sucedidos, outros lamentavam a ausência de jeito para o trato com a bola.

A empolgação tomava conta dos pais, ao conhecerem a habilidade dos filhos, da mesma forma orgulhosos por pertencerem ao grupo de "atletas" da Prudentina. Ao lado de Di Colla, o treinador Elias Fernani gastava todo o tempo disponível na preparação dos candidatos à equipe. Tanto critério usado, que já na reunião da diretoria, em 9 de novembro de 1936, o presidente Adalberto Goulart, o vice Arthur Marrafão, o primeiro secretário Dídimo de Jesus,

o segundo secretário Francisco de Vivo e o tesoureiro Victório Cornaglia, discutiram a compra de uniforme, para o time.

Eles resolveram utilizar as mesmas cores da Apea da capital do Estado, a Associação Paulista de Esportes Atléticos, que eram o preto, o branco e o vermelho (encarnado). O secretário Dídimo de Jeus recebeu a missão de efetuar o pedido à Casa do Esporte Nacional, de São Paulo. Seriam adquiridos 16 uniformes e uma bola de "baskett", orçados em 280\$000 (cifra da época) e o tesoureiro Victório Cornaglia faria o pagamento.

A notícia sobre a compra das peças se espalhou na cidade, aumentando a competição dos candidatos a lugares no time da Apea. Usando quadras improvisadas, o técnico Fernani se esforçava como podia, dividindo a atividade com os serviços particulares. O esforço tinha uma compensação: estava oferecendo a melhor contribuição ao esporte de Presidente Prudente e o cargo lhe dava prestígio social. Por onde passava, as pessoas o chamavam de "professor" e ele retribuía com sorrisos, dentro da visão e simplicidade características dos empreendedores da época.

Sonhando com a ascensão dos filhos, como jogadores, pais aumentavam, a cada dia, o círculo de amigos de Elias Fernani, que embora tivesse a recomendação de priorizar o treinamento de juvenis, procurava identificar talentos entre os adultos. A princípio as partidas de basquetebol deveriam restringir-se às cidades vizinhas, contra equipes locais, uma maneira de não encarecer as locomoções do time. Todo convite recebido, gerava uma reunião dos diretores, para discussão sobre aceitação ou recusa, muitas vezes sendo esse o único tema do encontro.

Na reunião ordinária de 1º de dezembro de 1936, por exemplo, a pauta dos trabalhos começou com o estudo de resposta à equipe do Atlético Brasil Clube, da cidade de Paraguaçu Paulista, que propunha jogar com a Apea. A partida foi marcada para o dia 6, com as despesas divididas entre os dois clubes. Não demorou para a Prudentina ficar com a agenda cheia. Tanto assim que na assembléia de 1º de dezembro, deu resposta negativa ao Clube Atlético Internacional, por estar com excesso de compromissos para jogar.

A Prudentina conseguiu formar seu time base, cumprindo com louvores a missão a que seus fundadores se propuseram. Entusiasmado, o presidente Adalberto Goulart sugeriu em assembléia, a realização de um torneio de bola ao cesto, de nível eliminatório, com todos os clubes da Alta Sorocabana. A competição seria em Presidente Prudente e da mesma forma, o comércio sentia-se animado pela presença dos visitantes, que ajudavam na arrecadação pelas lojas, restaurantes e ambulantes.

Além dos zelosos administradores da Associação Prudentina de Esportes Atlético, fora da entidade existiam outros incentivadores do esporte. Um exemplo notável, vinha de Aurelino Coutinho, presidente do Clube Atlético Internacional, que sempre procurava aproximação com os apeanos, fortalecendo os laços de amizade e a atividade esportiva. Atitude elogiável. Quando o ano de 1936 terminou, Presidente Prudente estava definitivamente integrada ao basquetebol, o bola ao cesto, batismo dado naquele tempo à modalidade principal da cidade.

Prudentina organiza primeiro campeonato de bola ao cesto

Não existia televisão naquele tempo. O rádio era o auxiliar mais importante, na alegria das tardes de domingo, entre os moradores de poucos recursos, que através desses aparelhos, ouviam as narrativas dos jogos de bola. O futebol constituía o maior destaque no país, situação que, aliás, nunca iria mudar. Dentro da ordem natural das coisas, somente as camadas sociais média e alta, podiam usufruir das vantagens da compra de títulos de sócio de um clube de bom nível, sonhar com a substituição do rádio ao pé do ouvido, por uma partida ao vivo e com os prazeres de uma piscina.

Em 1900, 36 anos antes da fundação da Prudentina, havia começado a prática do futebol no Interior de São Paulo e no Rio Grande do Sul. Antes, esse esporte se limitava às grandes capitais. E ainda porque em 1894, o jovem Charles Miller, de 20 anos e que aos 10 anos tinha ido estudar na Inglaterra, o introduziu no Brasil. Ao voltar, fomentou a prática no São Paulo Athlétic Clube, formado por rapazes que trabalhavam na Companhia de Gás e no London Bank.

O futebol foi obtendo espaços. Em 1910, foi fundado o Esporte Clube Corinthians Paulista, e em 1912, o Fluminense Futebol Clube, este, no Rio de Janeiro. Em 1924, o Corinthians tornou-se o primeiro time brasileiro a conquistar um tricampeonato. Mas, na Associação Prudentina de Esportes Atlético, o futebol não deveria ganhar muita relevância, sem antes haver a projeção necessária do basquetebol, ou bola ao cesto, e da ascensão necessária das atividades recreativas essenciais.

Em lugar de um torneio de futebol, os diretores da Prudentina optaram por um de bola ao cesto, entre todos os clubes da região, a Alta

Sorocabana. Dia 13 de dezembro de 1936, Adalberto Goulart, Arthur Marrafão, Dídimo de Jesus, Francisco de Vivo, Victório Cornaglia, Miguel Di Colla e Elias Fernani levaram três esportistas influentes para uma reunião, onde o assunto foi o preparo da competição, com posterior formalização de convites aos representantes das outras equipes.

Os visitantes foram Aurelino Coutinho, do Clube Atlético Internacional; Querino Matheus, do Atlético Brasil Clube, de Paraguaçu Paulista e sargento José Schoart, do Tiro de Guerra 20, de Presidente Prudente. Também convidada, a Congregação Mariana de Paraguaçu não pode enviar representante, porém mandou uma mensagem telegráfica, apoiando as resoluções a serem tomadas. O grupo escolheu os dias 6 e 7 de março de 1937, para o Campeonato de Bola ao Cesto da Alta Sorocabana.

Cada associação inscreveria o máximo de oito jogadores e ficou acertado que as confirmações de participação no certame terminariam dia 20 de fevereiro. A competição foi uma grande aliada na disseminação do basquetebol no meio jovem, que o praticava em

locais improvisados, usando até bola feita de bexiga, de crina de cavalo e de trapos. A Prudentina aspirava, desde então, tornar-se um clube de projeção nacional nessa modalidade.

As reuniões da diretoria continuaram na sede da Rua Nicolau Maffei, número 8, prédio onde funcionava o estabelecimento Café Expresso. Numa assembléia, em 17 de março de 1937, a Associação Prudentina de Esportes Atlético voltou a comemorar. Seus estatutos foram aprovados. Havia chegado o momento de pensar na organização de uma sede social ampla e própria, tema discutido no encontro e com a presença de lideranças novas da sociedade.

Em lugar de Dídimo de Jesus e Francisco de Vivo, a reunião foi secretariada por Joaquim Reis e Alcides Tenório de Brito. Naquela ocasião, o presidente do Clube Atlético Prudentino, Tuffi Athia, propôs sua junção à Apea, em nome da unificação dos esportes locais, o que foi aceito pelos apeanos. Só que o Atlético Prudentino não conseguiu prosperar, enquanto a Prudentina através de uma organização assentada na competência plena, alcançava novas projeções.

De um lado, os cuidados com o desenvolvimento do basquetebol. De outro, a atenção embora que menor, com outros tipos de esportes, incluindo o futebol. E, mais, a instalação da infra-estrutura, que justificasse de fato a presença dos sócios, mantenedores do clube. Transcorreram-se os anos de 1936, 1937 e 1938. Quando 1939 chegou, os diretores apressaram a busca de solução para o problema da praça de esportes, que ficou pequena mesmo com a limitação de seu uso à prática do bola ao cesto. Era preciso aumentar aquele espaço com urgência.

Associados pedem que o futebol também seja Forte

O esporte da cesta, bola ao cesto ou cestebol, como o basquete era mais conhecido, continuou sendo a grande paixão em Presidente Prudente. As improvisações de quadras, onde o time da Apea pudesse treinar e jogar, não desestimulavam o público, que sempre comparecia em número expressivo e com muita vibração. A esperança de conforto aos jogadores e torcedores, surgiu em maio de 1939, quando o simpatizante do clube, José Aguera Plazzas concordou em ceder um terreno que possuía na esquina da Avenida Conselheiro Antônio Prado e Rua Figueira.

A Conselheiro Antônio Prado é a atual Avenida Washington Luiz. O terreno seria ideal para o esporte, desde que fossem realizadas adaptações. A diretoria entendeu que ali poderiam ser desenvolvidas também outras modalidades esportivas e atividades de recreação. O terreno ficaria com a Prudentina por tempo indeterminado e o plano foi executado, conferindo significativo impulso ao trabalho dos apeanos.

O presidente Adalberto Goulart que assumiu o cargo em 26 de outubro de 1936 e o deixaria em julho de 1939, nomeou o diretor Miguel Di Colla, para chefiar uma comissão e tentar junto a prefeitura, a isenção dos impostos municipais do terreno. No local, o Clube Atlético Internacional, de Aurelino Coutinho vinha realizando treinamentos de basquete. Mas Coutinho não se opôs ao acordo entre José Aguera Plazzas e a Associação Prudentina de Esportes Atlético.

O basquetebol apeano permaneceu em ascensão, só que o clube começou a deparar-se com a insuficiência de recursos para saldar seus compromissos que iam exigindo novos gastos.

Foi nesse clima que a Apea recebeu convite para participar dos Jogos Regionais de Campinas. A saída encontrada foi a de sempre. Compor uma comissão para solicitar dinheiro junto a sociedade, tarefa entregue a Cícero de Campos Gurgel, Doutor José Foz, Donato Gassi, José Tarabay e Wilson Blumer.

Na Prudentina se permitia vacilar, esmorecer, não era permitido. E as soluções sempre apareciam, também porque comércio, indústria e outros segmentos locais não se negavam colaborar. Ora através de rifa, "livro ouro" e até doações espontâneas de dinheiro. Assim, as dificuldades surgiam e desapareciam. Distante dos limites da Prudentina, o futebol assumia a condição de paixão sem limites dos brasileiros e em outros países onde era praticado.

Em 1904 tinha sido fundada a FIFA (Federação Internacional de Futebol Association), por iniciativa do holandês Hirschmann, que seria seu secretário durante 25 anos. Congregava as diversas associações nacionais. Desde 1918 se falava na organização da Copa do Mundo, e em 1930, registrou-se a primeira competição, no Uruguai. Entusiasmado por sua condição de bi-

campeão olímpico, o Uruguai garantiu as condições financeiras para o êxito do torneio e foi o campeão.

O Brasil não foi além da fase de classificação. Venceu a Bolívia por 4 x 0. Contudo, a Iugoslavia o eliminou, derrotando-o por 2 x 1. A segunda Copa do Mundo, ocorreu em 1934, na Itália, que conquistou o título, ao vencer na final a Tchecoslováquia por 2 x 1. Em 1938, agora na França, houve o terceiro campeonato mundial, novamente vencido pela seleção da Itália, ao derrotar a Hungria por 4 x 2, na partida final.

Com o profissionalismo recém organizado, o Brasil apareceu pela primeira vez com destaque na Copa do Mundo. Venceu a Polônia (6 x 5) e a Tchecoslováquia (2 x 1) e se recuperou diante da Suécia (4 x 2), em partida que lhe valeu o terceiro lugar. Com toda essa ascensão do futebol no Brasil e no mundo, era natural que em Presidente Prudente também se registrasse grande entusiasmo pelo esporte. E foi o que ocorreu. A Apea que continuava dando ênfase ao bola ao cesto, começou a ser cobrada por associados, para

fortalecer igualmente o seu futebol, montando um time capaz de disputar campeonatos influentes.

Já no final da gestão do presidente apeano Adalberto Goulart, foram realizadas reformas no terreno da Avenida Conselheiro Antônio Prado (hoje Washington Luiz), esquina com Rua Figueira, recebido de José Aguera Plazzas, em troca de um aluguel simbólico. Assim foi possível atender o pedido dos sócios, com o futebol ganhando importância no clube, ao lado do bola ao cesto.

Ao assumir a presidência em 27 de julho de 1939, substituindo Adalberto Goulart, o doutor Waldemar de Faria Motta deu continuidade ao projeto e à procura de recursos na sociedade, para suprir os gastos com a nova equipe e outras necessidades financeiras da Prudentina, mais tarde inscrita para disputar os Jogos Regionais de Campinas.

O novo presidente, José Calabretta criou a seção de futebol e uma nova comissão de esportes. Seus membros eram Elias Maluf, José Calabretta, Orlando Biazon, Antônio Menezes, José Garrido, Domingos Tófano, Luiz Pratt, Annibal Pimenta e Lúcio Caciatarí. Mas ficou

estabelecido que a presença do futebol não tiraria os poderes do bola ao cesto.

Diretor esportivo da seção de futebol, Elias Maluf se apressou em atender as aspirações dos associados. Numa reunião dia 18 de junho de 1940, na sede da Rua Nicolau Maffei, foi discutida a formação de uma seleção de futebol na Apea, para o Campeonato da 17ª Região. A Associação Prudentina de Esportes Atléticoes deveria construir um campo de futebol, sendo indicado para as obras o local que a prefeitura havia reservado para ser o futuro estádio municipal.

Com um estádio precário, a Apea estava impedida de receber seus adversários, na competição regional. O esforço de Calabretta e seus assessores, resolveu aquele problema. Paralelamente, a diretoria tratava dos novos estatutos do clube, que substituiriam os aprovados em 1937. Numa assembléia dia 12 de agosto de 1940, as novas regras começaram a vigorar. Ainda nessa época, a Prudentina voltou a falar em estádio, dessa vez sobre a construção de um melhor que o já existente.

Um grupo de admiradores do clube se propôs patrocinar a aquisição de um terreno onde surgiria o estádio definitivo. Iniciativa tão bem recebida, que o novo presidente, Américo Tiezzi reuniu a diretoria, para enaltecer os benfeitores da Apea. Da tribuna da sede, o apeano Clóvis Tiezzi cumprimentou o grupo, que segundo explicou, não favoreceria apenas a Prudentina, mas daria à cidade uma praça de esportes "a altura dos seus habitantes".

Os serviços de edificação do campo foram começados e a Prudentina chegou a referir-se à necessidade de uma grande comemoração, quando ficasse pronto. Um prognóstico que falhou, pois faltou dinheiro e o grupo de abnegados cidadãos apeanos se viu obrigado a suspender o projeto.

Diretores emprestam dinheiro para melhorar caixa do clube

Mesmo em dificuldades financeiras, a Prudentina havia montado um bom time de futebol. Só lamentava não possuir um estádio ideal, já que o idealizado pelos empreendedores particulares estava com as obras paradas. Seria preciso buscar a solução. Dia 8 de agosto de 1943, o presidente Américo Tiezzi reuniu a diretoria para discutir o assunto e novamente a sociedade foi convidada a ajudar. Não existia saída diferente em tais ocasiões e logo uma comissão era formada para visitar as empresas, em busca de recursos.

Daquele encontro de 8 de agosto de 1943, além de Américo Tiezzi, participaram o vice-presidente Miguel Di Colla, primeiro secretário José Calabretta, segundo secretário Elias Maluf, mais Lúcio Caciatari, Vergílio Tiezzi, Antônio Sergio Menezes, os três do conselho deliberativo e o assistente Santiago Rodrigues. Foi uma reunião longa e no final decidiu-se que seria lançada a "campanha do milheiro de tijolos", para construção dos muros ao redor do campo. Posteriormente, através de outras arrecadações, o clube terminaria as obras do estádio.

Se a diretoria liderada por Américo Tiezzi não atendeu inteiramente aquela necessidade apeana, deu-lhe uma das maiores colaborações. Ao ocupar o lugar de Tiezzi em novembro de 1945, o presidente Annibal Pimenta prosseguiu a tarefa de fortalecimento da infra-estrutura do clube. Possuía um bom trunfo. Elias Maluf tinha sido nomeado representante em Presidente Prudente, da Federação Paulista de Futebol e alguns times ofereciam à Apea passe de jogadores a preço módico.

No fim do ano de 1945, o São Manoel propôs vender seu atleta Luiz Oliva, por R\$ 875,00 e não

demorou para o negócio ser fechado. O Guarany Futebol Clube, de Campinas, concordou em ceder o atleta Germano Jung, também de acordo com a pequena disponibilidaede de caixa da Prudentina. Desta maneira, o time progredia, igualmente por meio de jogadores formados na própria casa, favorecendo ainda a montagem de uma escolinha e uma equipe de juvenis, treinada inicialmente por Lúcio Caciatarí e mais tarde por Demerval de Oliveira Martins.

Antes de 1945 terminar, a Prudentina se viu pressionada por novos problemas de finanças. A arrecadação não cobria integralmente as despesas e dessa vez a diretoria entendeu que a sociedade não deveria ser novamente convidada a colaborar. O que fazer então? O incansável Miguel Di Colla sugeriu que os diretores em condições de ajudar, emprestassem dinheiro à Apea, o que ficaria definido numa reunião marcada para 7 de dezembro de 1945.

Compareceram ao encontro, o presidente Annibal Pimenta, Luiz Maurício Sandoval, Miguel Di Colla, Ananias Nogueira, Osvaldo Torelli, Heraldino Ferreira, Arsênio Rodrigues, Lencaster Gomes e Sebastião Rodrigues Nenê.

Todos aprovaram a idéia de Di Colla, que para iniciar a arrecadação, assinou um cheque de Cr\$ 1.000,00, entregando-o a tesouraria do clube, diante de muitos aplausos.

José Calabretta liberou também Cr\$ 1.000,00. Osvaldo Torelli, Heraldino Ferreira e Ananias Nogueira, emprestaram cada um, Cr\$ 500,00. (O Cr\$ era a cifra da época). Juntando outros auxílios, tudo somou Cr\$ 35.000,00, o que ainda não era suficiente para saldar os compromissos urgentes da Prudentina. Foi aí que veio a sugestão de venda dos passes dos jogadores de futebol Antônio Reis, Luiz Furlanetto, Sebastião Rodrigues e Milton Tenório de Brito.

Com ou sem meios, o futebol teria que ser mantido, por tratar-se de uma opção da maioria dos associados e de parte significativa dos moradores não filiados à Prudentina. Em fevereiro de 1946, durante assembléia na Rua Joaquim Távora, 746, o clube resolveu acertar a compra definitiva do atleta Germano Jung, pertencente ao Guarani de Campinas.

Votaram favoráveis a aquisição, Annibal Pimenta, Heraldino Ferreira, Ananias Nogueira, Miguel Di Colla, Osvaldo Delfin, Luiz Maurício

Sandoval, Arsênio Rodrigues, Vergílio Tiezzi, José Calabretta e Arlindo Saghetto. Jung era visto como a peça que faltava para a solidificação do time. Só que na hora de fechar o negócio com a Prudentina, a diretoria do Guarani desistiu da cessão do jogador, gerando descontentamento no clube de Presidente Prudente.

Na época, a maioria das cidades da Alta Sorocabana possuía time de futebol, com destaque maior em Álvares Machado, Regente Feijó, Paraguaçu Paulista, Santo Anastácio e Quatá.

Rigor com os gastos

Finalmente em 1946, a Prudentina tinha conseguido construir um bom estádio de futebol e para ajudar nas despesas, alugava-o a outros times, incluindo o Esporte Clube Corinthians de Presidente Prudente. Foi no campo da Apea que o

Corinthinas disputou os jogos em casa, do Campeonato de Futebol do Interior do Estado de São Paulo. Em março de 1946, a Rádio Voz do Sertão iniciou a transmissão das partidas, em troca de Cr\$ 100,00 mensais, pagos pela Apea.

Evitar desperdício funcionava como lei na diretoria. Até mesmo as despesas dos jogadores a serem reembolsadas, eram tratadas com rigor. Em partidas contra o Santo Anastácio e o Regente Feijó, o atleta Zip, fraturou um joelho e apresentou nota de despesas com o tratamento de Cr\$ 380,00. A diretoria se reuniu e se negou fazer o pagamento, por suspeitar de irregularidade. Só após muitos argumentos de Zip, aceitou custear metade daquele valor.

Mas se tudo estava correto, o reembolso do dinheiro não demorava, exceto em caso de falta de receita. Em reunião dia 21 de fevereiro de 1946, os diretores Miguel Di Colla, Annibal Pimenta, Ananias Nogueira, Osvaldo Delfin e Luiz Maurício Sandoval, aprovaram gratificação de Cr\$ 30,00 ao filho do zelador, por ele ter ajudado o pai na limpeza do campo para a realização de um jogo.

No início de 1946, a equipe de futebol da Prudentina estava sem uniforme padrão. Jogava com o que houvesse disponível. Isso teria que mudar. Surgiu então uma idéia econômica. Os atletas do futebol passariam a usar o uniforme do time de basquetebol. Durante as partidas, os gastos geralmente se restringiam ao pagamento do porteiro do estádio e não deveriam ir além de Cr\$ 30,00. Os diretores Miguel Di Colla, Clóvis Tiezzi e Osvaldo Delfin fiscalizavam a bilheteria, controlando a arrecadação.

A Prudentina preferia jogar com equipes influentes, uma delas, o Comercial Futebol Clube, da cidade de Pirajuí. Em fevereiro de 1946, essa equipe sugeriu nova partida contra a Apea, mas acabou por gerar ligeiro desentendimento entre ambas, por exigir pagamento de Cr\$ 2.000,00. Embora se evidenciasse reembolso do dinheiro com a venda de ingressos, a diretoria não aceitou realizar o jogo, utilizando seu critério de economizar no que fosse possível.

Esforços para manter o futebol

Por aquele tempo, 1946, 1947, o futebol ganhava novos adeptos, entre os países, e a principal motivação estava nas três primeiras Copas do Mundo, realizadas no Uruguai, Itália e França, a última, em 1938. O Brasil ficou em terceiro lugar. As condições do tempo, não importavam, desde que fosse dia de jogo. Caisse chuva ou fizesse sol, o fundamental mesmo era estar lá no campo, solidário com os 11 atletas escalados para defenderem as cores do clube.

Terminado o campeonato mundial de 1938, vencido pela seleção da Itália, ficou a ansiedade, todos aguardando a futura competição, marcada para 1942. O que não aconteceu. A Segunda

Guerra Mundial provocou o adiamento do quarto certame, que foi disputado no Brasil, em 1950, com uma novidade: a presença de uma seleção britânica na Copa do Mundo.

Tendo permanecido isolados, só disputando e vencendo alguns amistosos contra as melhores equipes internacionais, os ingleses mantinham o mito de excelentes jogadores, mas sua estréia na Copa foi um fracasso. Após uma campanha ruim, foram eliminados pela Espanha ainda na fase de classificação. Isso e mais o desastre que ocorrera com a equipe italiana que teve seus jogadores principais mortos num acidente aéreo, enfraquecendo-a a ponto de ser eliminada pela Suécia, deram ao Brasil a condição de franco favorito.

A despeito de um empate com a Suíça (2 x 2), a seleção brasileira fez brilhante campanha, derrotando sucessivamente México (4 x 0), Iugoslávia (2 x 0), Suécia (7 x 1) e Espanha (6 x 1). Com essas credenciais, o Brasil se apresentou no Maracanã, construído no Rio de Janeiro especialmente para a Copa, diante de uma torcida que comemorava antecipadamente a conquista do título, para enfrentar na final o

Uruguai, cuja modesta bagagem incluía apenas duas vitórias (Bolívia, 8 x 0, e Suécia, 3 x 2) e um empate (Espanha, 2 x 2).

A decepção foi imensa. O jogo terminou com a vitória do Uruguai (2 x 1), que foi o campeão mundial. Em Presidente Prudente, a Prudentina continuava cada vez mais motivada com o seu futebol. Efetuava compras e trocas de jogadores, mantendo a paixão dos associados e da cidade como um todo, embora saindo de uma fase financeira difícil, voltando a equilibrar-se, depois revivendo os mesmos problemas.

Persistia a idéia de nenhum obstáculo ser capaz de derrubar o futebol da Apea. Esse esporte que encantava Prudente e o Brasil. Se sobrava entusiasmo, prosseguia a falta de dinheiro e a busca incessante da criatividade para escapar das crises. Próximo do final da década de 40, a diretoria apresentou proposta de criação do quadro de conselheiros beneméritos, para obter recursos e melhorar a equipe de futebol, através da aquisição de mais jogadores famosos.

Sugestão aprovada, foi instituída a comissão para cuidar do assunto. Seus membros: Waldemar de Faria Motta, Genthro Soares Galoto, Altair

Werneck de Senna, Félix Ribeiro Marcondes, Heraldino Ferreira, Antônio Ferraz, Manoel Paixão, João Pires de Campo, Américo Tiezzi, Miguel Di Colla, Ananias Nogueira, Osvaldo Delfin, Osvaldo Torelli e Arsênio Rodrigues. A comissão começou a agir já no dia seguinte.

Todo apoio financeiro, por menor que fosse, significava muito. Daí ter sido recebido como um "gesto esportivo" de ênfase na Prudentina, a decisão dos membros Clóvis Tiezzi e José Rezende Netto, de reverter para a tesouraria do clube, seus saldos credores de Cr\$ 140,00 e Cr\$ 370,00. Altair Werneck de Senna reuniu a diretoria, para transmitir votos de louvores a Tiezzi e Netto, ficando suas colaborações registradas no livro de atas.

Eles aproveitaram o encontro, para aprovação de propostas enviadas pelos associados Antônio de Almeida Santos, Aurelio Coutinho, Gabriel Salvador, Dalton Delfin, José Manoel Teixeira, Pedro Jorge de Paula, Arthur Toledo de Freitas, Vergílio Joaquim Santana e Álvaro Mauri. Era comum esposas se queixarem do excesso de dedicação dos diretores, seus maridos, ao clube,

às vezes superando o amor por suas casas, por vezes gerando ligeiras discussões domésticas.

Outro assunto que passou a ser tratado com esmero, foi o da construção da sede social definitiva, começando pela formação de uma comissão que deveria negociar com fornecedores de materiais. Um grupo formado por Altair Werneck de Senna, Miguel Di Colla, Annibal Pimenta, Ananias Nogueira, Osvaldo Delfin e Heraldino Ferreira. Outro tema que era a abertura de um poço artesiano, ficou a cargo de Osvaldo Torelli, Genthro Soares Galoto, Arsênio Rodrigues e Altair Werneck de Senna.

Toda sugestão que pudesse significar renda para a Prudentina, era bem-vinda, não importando se o dinheiro fosse pouco. Quando em abril de 1946, foi apresentada idéia de instalação de um bar no campo de futebol, logo a diretoria determinou que fosse erguida uma casa, para acomodação do estabelecimento, que passou a ser explorado pelo negociante Arleto Luvizotto.

Ora uma situação insignificante, ora outra situação de muita expressão. Enquanto se comemorava a construção do bar, se discutia como fazer para receber um auxílio de Cr\$

300.000,00, que o governador do Estado, Fernando Costa havia prometido ao clube. Os diretores José Rezende Netto, Genthro Soares Galoto, Fausto Pereira de Mello, Arsênio Rodrigues, João Pires de Campos, Annibal Piementa, Osvaldo Delfin, Clóvis Tiezzi, Vergílio Tiezzi, José Calabretta, Paschoal Ciamboni, Ananias Nogueira e Edgard Ziloeh viajaram a cidade de Martinópolis, para solicitar orientação a um especialista no assunto, o advogado João Gomes Martins Filho.

Era assim que a Prudentina funcionava. Havia pressa em tudo e se existia necessidade de uma visita importante, vários diretores se juntavam na tarefa. O doutor João Gomes Martins foi igualmente rápido, no atendimento do pedido dos apeanos. Não demorou muito e chegou a frustração. Os Cr\$ 300.000,00 não seriam liberados, porque com a morte do governador Fernando Costa, o processo não teve andamento.

Reconhecendo a dedicação, fé e trabalho dos diretores e a esperança dos associados, o fundador de Presidente Prudente, Francisco de Paula Goulart assegurou a doação à Apea, de um pequeno terreno na Rua Fagundes Varela, fundos

da praça de esportes. Como Goulart esqueceu-se do assunto, a Prudentina repetiu um velho e nobre hábito: formou uma comissão e foi cobrá-lo, com isso, ganhando o imóvel.

Havia ainda como filosofia de trabalho, receber bem a imprensa e o pioneiro do setor, na cidade, Antônio Lima sabia disso. Em julho de 1946, ele procurou os administradores da Prudentina, pedindo-lhes colaboração em dinheiro, para publicação de reportagem sobre o jogo futuro, entre as equipes da Prudentina e do Corintinha, na revista Oeste Ilustrado, que ele representava. O caixa não tinha saldo disponível e talvez a publicação não se justificasse, entretanto, Lima obteve resposta favorável.

Em retribuição, Antônio Lima inseriu na capa da revista, a foto da rainha do algodão, de 1946, eleita durante o baile do algodão, lavoura que imperava nos campos regionais, naquele tempo. Da mesma forma, somente em condições deveras especiais, os diretores apeanos negavam um ato de filantropia, colaborando até mesmo com escolas de corte e costura.

Entidades assistenciais e outras podiam usar o salão de festas gratuitamente, pagando aluguel

apenas se houvesse bailes, pois haveria prejuízos às instalações. No final de 1946, os diretores trataram com muito empenho um pedido da Associação de Proteção aos Aleijados e Inválidos, para a realização de uma partida de futebol, com renda para a entidade. Mas foram obrigados a dizer não, porque os outros times estavam de férias e o gramado da Apea sendo reformado.

As reuniões que vinham sendo feitas na Rua Nicolau Maffei, a princípio no número 8, mais tarde no número 445, 1º andar, em dezembro de 1948 foram transferidas para o Lider Clube, cedido por seus administradores. Na época foi apresentado um saldo negativo dos campeonatos realizados durante o ano. As rendas somaram Cr\$ 360.000,00 e as despesas, Cr\$ 580.000,00, déficit de Cr\$ 220.000,00.

Em 1950, as assembleias continuavam sendo no Lider Clube, que ficava na Rua Nicolau Maffei, 118, e mais tarde foi extinto. Um homem que iria provocar grandes alterações na Associação Prudentina de Esportes Atlético, assumiu a presidência em 1950. Foi o irrequieto Félix Ribeiro Marcondes, que na votação, obteve

16 votos, contra 2 votos dados a Arlindo Jesus, 1 a Rômulo Muzegante e 1 a Orlando Biazon.

Para vice-presidente, ganhou Alcides Jesus, com 16 votos, contra 2 de Elias Maluf, 1 de Paulo Lessa e 1 de Félix Ribeiro Marcondes, eleito presidente. Outros membros daquela diretoria: secretário-geral, José Calabretta; primeiro secretário, Ananias Nogueira; segundo secretário, Luiz Maurício Sandoval; primeiro tesoureiro, Atílio Fabris e segundo tesoureiro, Annibal Pimenta.

O grupo liderado por Félix Ribeiro Marcondes resolveu dar força maior às decisões administrativas, nomeando assessores com a mesma altivez: Paulo de Tasso da Rocha Lessa, Rômulo Muzegante, João Giglio, Arlindo Machado Júnior e Antônio Boscolli. Conselho fiscal: Heraldino Ferreira, Querubino de Mori e Raul Ignácio Pires. Departamento médico: doutor Francisco Lopes, doutor Abel de Freitas e doutor Enio Botelho Perrone.

O departamento profissional de futebol passou a ser dirigido por Altair Werneck de Senna, Waldemar Di Miguel e Miguel Di Colla. Departamento de futebol amador, por Elias

Maluf, José Manoel Antunes Gago e Orlando Calabretta. Assumiu, o departamento de recepção, José Lessa e para oradores, foram escolhidos Orlando Biazon e Antônio Ramos Netto. Para o departamento de propaganda, Sebastião Rodrigues Nenê, Ary de Grandi e administrador de campo, Demerval Alves Martins.

A idéia fundamental consistia de impor grandes transformações na Apea. E logo houve a indicação de novo reforço, aprovado sob aplausos unânimes: o doutor Erix de Castro, eleito presidente de honra da Prudentina. Embora o futebol não viesse apresentando arrecadações favoráveis, continuou nos planos do clube.

***Não era fácil tocar
o futebol***

Em 1956, o futebol profissional da Prudentina se deparava com uma grave crise. Tanto assim que dia 26 de novembro daquele ano, a diretoria agora presidida por Plínio Arruda Armelin se reuniu no salão da Associação Rural, para decidir se manteria o departamento de futebol profissional e a votação foi pela sua extinção.

A medida foi necessária porque o campeonato da segunda divisão, de 1956, conferiu à Prudentina renda de Cr\$ 180.325,00, nos jogos realizados em seu estádio. Do total, a Federação Paulista de Futebol ficou com Cr\$ 220.000,00. O clube amargou uma despesa de Cr\$ 569.000,00, mais a desconfortável posição de penúltimo colocado no certame.

A Federação Paulista de Futebol não levava em conta os problemas financeiros dos clubes. Exigia muito dinheiro e retirava sua parte, restando aos diretores a dura tarefa de sustentar o futebol no Interior. No último jogo da Prudentina contra a equipe do Botucatu, pela segunda divisão de profissionais, a Prudentina obteve renda bruta de Cr\$ 8.020,00, precisou pagar Cr\$ 10.800,00 de despesa dos funcionários da

Federação, fixada por partida e Cr\$ 2.400,00 de gratificação aos jogadores.

Um saldo negativo de Cr\$ 7.180,00. Extinto o departamento de futebol profissional, foi decidido também que a rescisão dos contratos dos jogadores se daria até 30 de novembro de 1956.

Um telegrama enviado a Federação Paulista de Futebol, informou sobre a desistência da Prudentina de participar do Torneio Extra. Uma possível solução encontrada para conseguir dinheiro, foi a realização de quermesses no estádio do clube nos fins de semana, mas também isso não prosperou, apresentando resultado negativo.

Foi solicitado à Federação Paulista, o afastamento das disputas por dois anos. Nem os débitos do campeonato de futebol de 1955, a Prudentina tinha conseguido pagar, recorrendo a uma rifa de motocicleta, a fim de atender os credores mais persistentes. Somente dia 24 de janeiro de 1957, os diretores se reuniram novamente, sugerindo a promoção de bailes carnavalescos, em outra tentativa de conseguir recursos junto aos associados. Um plano que foi

entregue à habilidade dos diretores Onofre Gulin, José Rause, Diogo Navarro e Osvaldo Delfin.

Medidas urgentes iam sendo colocadas em prática, e as coisas se arrumavam, muitas vezes em tempo inferior ao previsto. Por isso o afastamento de dois anos das disputas do futebol profissional, não foi cumprido, se antecipando a volta da Prudentina aos certames. Ainda em 1957, o departamento profissional ganhou nova força e recebeu autorização para contratar jogadores de bom nível.

Os primeiros a compor a lista, foram Urbano, Lelo e Rubens, que receberiam salário mensal de Cr\$ 4.000,00. Em 30 de julho de 1957, registrou-se transferência da sede do clube, da Rua Nicolau Maffei, para a Rua Siqueira Campos, 602, salas 601 e 602, onde passaram a ser feitas as reuniões da diretoria. Ela elegeu Vicente de Paulo Sandoval, diretor do departamento profissional de futebol e para seu auxiliar, Alcides Junqueira Franco.

Mas apesar de o relacionamento com a Federação Paulista de Futebol, que esteve ligeiramente abalado, e a situação financeira que era precária, tivessem melhorado bastante, os

problemas continuaram incomodando. A indisciplina de jogadores compunha a relação. Em agosto de 1957, a diretoria pediu a Federação cancelamento do contrato do atleta Gilmar Oliveira, acusado de ter fugido da cidade.

Na mesma ocasião foram dispensados da equipe os jogadores Nelsinho, Rubens e Joãozinho. Posteriormente, os cortes atingiram Sergio Nogueira, Walter Seriagrotto e Wilmar Oliveira. O time havia voltado a disputar a Segunda Divisão de Profissionais, mesmo assim, os jogadores Rubens Fernandes e Bodega desapareceram inexplicavelmente de Presidente Prudente, só retornando ao saberem que a Prudentina iria puni-los com rigor, incluindo denúncia contra eles a outros clubes.

Os atos de indisciplina concorriam para sucessivas derrotas da Prudentina. Num jogo contra o Garça Esporte Clube, perdeu por 5 x 0 e apenas os atletas Caruzo e Lelo receberam elogios da diretoria. Os demais foram considerados omissos, sem combatividade, e já no dia seguinte, se discutia a contratação de reforços. Findava-se o período da administração do presidente Onofre Gulin e a nova diretoria a

ser eleita, prometia reverter aquele quadro contrário às aspirações dos associados.

Futebol se recupera e ganha destaque nacional

Como foi explicado, por mais difíceis que fossem, os obstáculos não conseguiram alterar os objetivos das diretorias da Associação Prudentina de Esportes Atlético. Tanto assim, que no último pedido de afastamento do campeonato oficial por dois anos, a volta ao certame foi antecipada. Mesmo nos períodos de dificuldades financeiras intensas, os diversos setores funcionavam satisfatoriamente.

No final de 1960, o futebol tinha vencido todas as fases ruins e alcançava o melhor nível da história da Prudentina. Paralelamente, as obras de construção da sede social definitiva avançavam, obedecendo um projeto arquitetônico notável. Melhor órgão especializado da época, a revista Gazeta Esportiva fez uma reportagem especial em novembro de 1960, destacando o clube, conforme reprodução abaixo.

"Como tantos outros clubes, vivia a Associação Prudentina de Esportes Atlético apenas em função do futebol profissional, numa constante alternância entre o positivo e o negativo, alternância essa ditada pelo sucesso ou pelo fracasso de equipes montadas à custa de verdadeiras fortunas, sem outro proveito, a não ser aquele da situação, ora boa, ora ruim, na tabela de classificação de cada campeonato.

Os recursos financeiros eram conquistados com íngenes esforços e consumidos fantásticamente na manutenção de times que, às vezes, não passavam da mediocridade. O quadro social era um mito, embora fosse grande o número de torcedores. Com a volta de Félix Ribeiro Marcondes à presidência do clube, nova

mentalidade surgiu no sentido da elevação da "grei apeana", pretendendo acima de tudo uma fixação imorredoura para o grêmio tricolor, da qual o futebol profissional pudesse ser uma consequência e não uma origem.

E o anseio do dinâmico presidente da Apea está prestes a atingir a realidade, visto que as obras da sede social estão se aproximando, sem solução de continuidade, daquilo que se elaborou com engenho e arte no papel vegetal e cuja a grandiosidade pode ser notada na foto da maquete que ilustra esta reportagem. Já antes de estarem concluídas as obras da sede social, o quadro associativo da Prudentina se elevou a quase dois mil integrantes, constituindo-se num dos mais notáveis e valorosos núcleos sociais da Alta Sorocabana.

As obras inicialmente orçadas em Cr\$ 12 milhões, estão já perto dos Cr\$ 25 milhões, em decorrência da elevação do custo do material e do acréscimo de obras suplementares ao projeto inicial. O seu arcabouço está completo até o terceiro pavimento, tendo sido iniciada a fase de acabamento do prédio. Também está começada a fundação do conjunto aquático e a perfuração do

poço artesiano que vai fornecer água às piscinas e às demais dependências do clube.

Descrição da sede Social

Na parte externa haverá a quadra de bola ao cesto, piscina para adultos com sete balisas, piscinas para menores e duas quadras de tênis na parte interna: pavimento térreo, portaria, cabine telefônica, balcão para café, cinema com 200 poltronas fixas, duas canchas de bochas, vestiários para homens, mulheres e menores dos dois sexos. Segundo pavimento: amplo salão para jogos de tênis de mesa, bilhar "snooker", salão nobre, biblioteca, sala-de-estar, camarins para

artistas, pequena pista para dança, bar e grande salão para solenidades e bailes, bar com serviço de copa e cozinha, ribalta-palco para orquestra e apresentações artísticas e depósito para orquestra.

Destques

Na realização dessa pujante obra, há nomes que devem ser destacados, em face do desempenho profíquo e até dos sacrifícios que vêm dando em prol da grandeza do clube tricolor. Os maiores louros naturalmente cabem a Félix Ribeiro Marcondes, figura dinâmica e batalhadora, a quem talvez mais se deva tal empreendimento, haja visto que o conselho deliberativo, em votação unânime, decidiu batizar a praça de esportes da Prudentina com o nome do seu presidente.

Merecem, todavia, o mesmo realce, os nomes de Alcides Junqueira Franco, Osvaldo Delfin,

Amilcar Mazzei Guimarães e Franklin de Souza, no que respeita ao setor de obras. Nas demais atividades do clube, ressaltam os nomes de João Fabris, José da Silva, Vicente Sandoval, Annibal Pimenta, Miguel Di Colla, Eduardo Andreasi, Vergílio Tiezzi, Elias Maluf, Paulo de Tasso Lessa, Barili, Disaró e ainda o excelente forjador de atletas, professor Sidney Cotrin Memmegrin.

Todos eles vêm trabalhando com grande firmeza e em estreita colaboração com o presidente Félix Ribeiro Marcondes, dando o melhor dos seus esforços em favor da obra que permitirá ao clube, uma atuação permanente e de relêvo nos fatos sociais e desportivos.

Campeã da série Carvalho Pinto

Embora por decisão judicial, em processo que teve ampla repercussão no cenário esportivo

nacional, a Prudentina tivesse assegurado o direito de participar das disputas da Primeira Divisão, acabou ela participando do cenário da Segunda Divisão, tendo logrado o título de campeã da série Governador Carvalho Pinto, com apenas uma derrota no seu passivo.

Colaboraram na conquista do título, além do técnico Wilson, do preparador físico professor Sidney Cotrin e do médico Aziz Felipe, os seguintes atletas: Glauco, Ademar, Ubaldo, Vicente, Belo, Bau, Fernandinho, Mauri, Fernando, Celso Paiano, Mendonça, Nelson, Alaor, Leônidas, Nestor, Valter, Tomaz, Torres (atualmente no Clube Atlético Juventus) e o consagrado Rubens.

Na divisão especial

O futebol profissional da Prudentina havia, finalmente, alcançado o êxito esperado durante tantos anos. Antigos líderes continuaram administrando o clube, outros tinham se afastado.

Com Félix Ribeiro Marcondes novamente na presidência, ocupando o cargo durante dez anos, de 1957 a 1967, a equipe foi campeã da segunda divisão em 1961, subindo para a divisão especial. Era o ano de seu jubileu de prata, 25 anos de fundação, e agora os administradores possuíam responsabilidades ainda maiores. O clima não significava apenas euforia.

Para o triênio 1961, 62 e 63, tinha sido eleito um conselho deliberativo tão forte quanto os anteriores. Formado por Antônio Servantes, Atílio Fabris, Florivaldo Leal, Mário Graccho, Moacyr Miranda, Plínio de Arruda Armelin, Antônio Ramos Netto, Américo Tiezzi, Ruy Brasil de Godoy, Manoel Rodrigues, Abel de Araujo Freitas, Francisco Lopes Gonçalves Correa, Amilcar Mazzei Guimarães, Vicente Paulo Sandoval, Raul Ignácio Pires, Francisco Cerávolo Filho, Franklin de Souza, Brás Virgilli, Eduardo Andreasi, Haroldo Cerávolo, Célio de Oliveira Costa, Sebastião Rosa, Fernando Pereira da Silva, Alcides Junqueira Franco, Belmiro Jesus, Geraldo Ribeiro de Souza, Adail de Almeida Lima, Annibal Pimenta, Daniel Martins, Michel Buchalla, Santo Crepaldi, Jamil Dualibi,

Luiz Armelin, Orlando Peretti, Erasmo Medeiros, Joaquim Pelegrini, Pedro Luciano Marrey, Osvaldo Delfin, Ippo Watanabe, Josué Toledo de Godoy, Abrão Kalógeras, Cesar Cava, Affonso Rodrigues Negrão e Emílio Badan. Presidente do conselho, Plínio de Arruda Armelin.

O futebol e craques apeanos ganhavam manchetes na imprensa nacional. Em janeiro de 1961, foi preciso resistência para não vender o goleiro Glauco, ao Santos, que apresentou interessante proposta de compra à Prudentina. De outro lado, porém, a Federação Paulista de Futebol não dava tréguas. Em março exigiu da Apea pagamento de um débito de Cr\$ 33.500.00, incluindo a taxa de anuidade profissional de 1961, sem o que não efetuaria a filiação dos novos diretores do clube.

Um jeitinho aqui, outro ali e as coisas iam sendo arrumadas. E como adquirir um ônibus para o transporte do time? Novamente a diretoria e os sócios foram chamados a ajudar, para conseguir os Cr\$ 500.000,00 necessários à compra do veículo. Para auxiliar na busca de dinheiro, uma rifa corria na cidade, ao preço de Cr\$ 4.000,00 cada número, se ignorando a

proibição. Uma contravenção penal que o delegado adjunto de polícia, Hélio de Azevedo Marques concordou em esquecer, oferecendo também sua colaboração à Prudentina.

O próximo campeonato da divisão especial exigia recursos que a Prudentina não tinha em caixa. Ao contrário, o caixa estava deficitário em Cr\$ 1.329.404,00 e seriam necessários mais Cr\$ 1.200.000,00, para o pagamento das luvas dos jogadores contratados. O "caçula da divisão especial" sofria ameaça de não participar da competição, o que na opinião dos diretores, seria humilhante. Tinham que encontrar uma saída para o novo impasse.

O diretor Antônio Macca propôs a cada conselheiro, desembolsar Cr\$ 1.000,00. Aliado a isso, seria pedido empréstimo de Cr\$ 5.000.000,00 à Caixa Econômica do Estado de São Paulo. Aliás, uma medida que sempre socorria o clube. Félix Ribeiro Marcondes, Plínio de Arruda Armelin e Jaime Barili foram escolhidos para cuidar do projeto, junto ao governador Carlos Alberto de Carvalho Pinto.

De um lado, Presidente Prudente empolgada com a presença da Prudentina na divisão especial,

então a mais importante do futebol paulista. De outro, uma diretoria rodeada de problemas, sendo o financeiro o maior deles. Em outubro de 1961, o débito do departamento profissional era de Cr\$ 1.600.000,00. E o clube continuava às voltas também com o término da construção da sede social, aquela que em 1960, a revista Gazeta Esportiva destacou em reportagem especial.

Uma esperança de melhora do caixa, estava na partida contra a Ponte Preta, de Campinas, porém "inexplicavelmente" registrou-se arrecadação de somente Cr\$ 312.000,00. Pagos os bichos aos atletas e juntadas outras despesas, restou saldo de Cr\$ 30.000,00, considerado pequeno. Felizmente os obstáculos iam sendo vencidos, e a Associação Prudentina de Esportes Atlético se mantinha na divisão especial.

A queda do futebol

Arrecadando de um lado, e, às vezes, obrigada a gastar mais que a arrecadação. Este era

um clima comum, porque sempre havia muito por fazer na Prudentina. Melhora do estádio, término das obras da sede social, pagamento de empréstimos, um caixa bastante espremido. Chegava o ano de 1962 e a atividade da diretoria era cada vez mais intensa. Os compromissos não lhe davam tréguas. A tesouraria estava sempre a pedir socorro e não poderia ficar à míngua em nenhum momento, valendo aí o espírito criativo de todos.

Outra opção escolhida foi a venda de ações do clube. O dinheiro conseguido, seria utilizado em duas frentes. As obras da sede social e reserva de Cr\$ 10.000.000,00 para continuar tocando o futebol, agora no seu auge maior. Mais um caminho encontrado: a venda de cadeiras cativas, ao preço de Cr\$ 35.000,00 cada. Se o time não obtivesse boas classificações no certame, pelo menos deveria conservar-se na divisão especial, razão de grande alegria em Prudente.

Novo aperto no caixa, permitiu a contratação dos jogadores Gino, Nivaldo, Da Guia e Agenor. Estava para ser fechado ótimo negócio com o São Bento de Marília, que venderia à Prudentina o passe do atleta Jurandir, por Cr\$ 1.500.000,00.

Mas em última hora o São Paulo Futebol Clube estragou o negócio. Ofereceu Cr\$ 3.000.000,00 e o São Bento cedeu. Em compensação, o presidente do Santos, Athiê Jorge Cury decidiu colaborar, oferecendo os passes de Nenê e Getúlio, de acordo com as possibilidades financeiras da Prudentina.

Na luta para evitar o rebaixamento, o clube contava com as mensalidades dos sócios, em média, Cr\$ 140.000,00 por mês. Isso, contudo, mudou de repente. A partir de janeiro de 1962, verificou-se excesso de inadimplência, surpreendendo a diretoria. A queda de faturamento se agravou, chegando a Cr\$ 80.000,00 em fevereiro, Cr\$ 60.000,00 a menos, o que nem assim provocou esmorecimento. Entusiasmada com o lazer domingueiro do futebol da Apea, a cidade continuou ajudando, principalmente nas vendas de rifas e uma parcela seletiva da sociedade desembolsava quantias em dinheiro às vezes expressivas.

Impossível parar com os investimentos em bons jogadores. Em junho de 1962, a Sociedade Esportiva Palmeiras aceitou vender Zola e Rosan, por Cr\$ 7.000.000,00. Zola tornou-se elemento de

alto nível na equipe, com sua habilidade, concorrendo para aumento das rendas no estádio. Flávio, outro atleta influente, foi comprado por Cr\$ 1.500.000,00, sendo Cr\$ 300.000,00 à vista e o restante dividido em várias parcelas. A Apea fixou salário mensal de Cr\$ 28.000,00 para o jogador, mais Cr\$ 800.000,00 de luvas, por um contrato de dois anos

Os obstáculos internos não terminavam e a diretoria não se cansava de procurar e encontrar saídas. Uma base das discussões, era o reforço permanente do time. Rádios e jornais se juntavam no mutirão, convidando a cidade e a região a irem ao estádio nos dias de jogos e o povo atendia, proporcionando significativas arrecadações.

Um esforço que permitiu a aquisição de mais um jogador habilidoso, o Rubens Caetano, por Cr\$ 400.000,00, Cr\$ 200.000,00 pagos na assinatura do contrato. Entretanto, a Apea precisou correr atrás de mais Cr\$ 700.000,00, para as luvas do atleta.

Embora a custo de incessantes sacrifícios, a Prudentina conseguiu formar uma equipe que impunha muito respeito aos adversários, um

deles, durante vários anos, o Esporte Clube Corinthians de Presidente Prudente. Eram jogados os célebres "derbys" que levavam as duas torcidas a lotarem o estádio. Mais tarde, o Corinthians foi rebaixado da divisão especial, seu campo continuou preservado, até que uma de suas diretorias decidiu vendê-lo, uma negociação cercada de repercussão adversa.

Hoje no lugar onde ficava o estádio do Corinthians, está o Shopping Americanas. Já o grande futebol da Prudentina, sobreviveu até 1967. Tudo parecia funcionar bem, no entanto, de repente a cidade ouviu a notícia de rebaixamento da equipe para a segunda divisão. Uma surpresa extremamente desagradável para a diretoria e a população. Não interessava ao clube disputar a divisão inferior, por não haver compensação financeira.

Inconformismo com a queda do futebol

Na reunião ordinária de 12 de dezembro de 1967, os diretores se mostravam incrédulos diante das notícias sobre a regressão do futebol profissional da Prudentina. Mas aquilo era mesmo verdade. O clube se deu mal nas partidas finais, porém isso foi atribuído ao comportamento irregular dos árbitros. Por isso, foi aprovado envio de um manifesto de protesto à Federação Paulista de Futebol, aos cuidados de seu secretário Américo Egídio, mas todos tiveram de contentar-se com a nova situação.

Ainda houve a nomeação do advogado Eryx de Castro, com plenos poderes, a fim de defender os interesses do clube junto a Federação Paulista de Futebol e no Conselho Nacional de Desportos. O inconformismo com o suposto comportamento prejudicial dos "mandatários do esporte"

persistia. Em janeiro de 1968, o incômodo quadro se apresentava como irreversível, e a diretoria entendia que o clube não deveria disputar o campeonato da divisão inferior.

Tratava-se de um certame deficitário, ficando acertado o pedido de afastamento da Prudentina por um ano, o que a Federação Paulista aceitou, conforme ofício lido na reunião de 21 de maio de 1968. A licença concedida terminaria dia 30 de abril de 1969, quando a Apea voltaria a disputar o certame. Daí em diante, se daria ênfase ao departamento social e o diretor Antônio Macca não perdia tempo.

Macca logo sugeriu a contratação da cantora Vanessa, para animar a brincadeira dançante da noite de 24 de agosto. Propôs chamar o notável conjunto Orfeu Negro, para tocar no "reveillon" e o futebol deixou de ser o principal tema das conversas. No entanto, o diretor daquele setor, Nelson de Oliveira ainda solicitou recursos para formação da equipe que disputaria a primeira divisão de 1969.

Já o colega Moacyr Miranda, pensava diferente. Ele defendia a concessão de passe livre aos jogadores que permaneciam no clube e

extinção do futebol profissional, pois esse departamento estava sendo oneroso para a Apea. Seria encontrada nova finalidade para o estádio. O primeiro a concordar com Miranda, foi o diretor Anníbal Pimenta, surgindo em seguida novas adesões ao projeto.

Alcides Junqueira Franco trouxe à discussão o destino de um estoque de meias e chuteiras velhas e a solução não demorou. Seria feita doação de tudo ao Lar dos Meninos do Padre Francisco Leão. Era o encerramento do futebol profissional da Associação Prudentina de Esportes Atlético. O fim de um ciclo que durou de 1961 até 1967, um período de glórias para a Apea, Presidente Prudente e sua região polarizada.

***Em 1985, a extinção
do basquetebol***

Como foi explicado, o basquete se destacava entre as modalidades esportivas da Prudentina. A escolinha que já dava os primeiros passos em 1936, ganhou ascensão, depois desapareceu, para voltar com expressiva estrutura em 1982. A equipe feminina despontava, tornou-se muito competitiva e nesse ano, consagrou-se ao vencer o campeonato paulista.

Foi campeã desse certame também em 1983. Foi ainda em 1983, que o time recebeu força total, com as contratações de Hortência e da norte-americana Beverly. O time venceu os campeonatos Sul-Americano de Basquetebol de 1983 e 1984. Em 84, conquistou mais o Troféu Imprensa. Paralelamente, ganhou os jogos regionais e abertos de 1982, 1983 e 1984.

A consagração definitiva e com reconhecimento em todo o mundo, veio em junho de 1984. A Prudentina foi vice-campeã da Copa W. Jones, realizada em Taipé, China. O primeiro lugar ficou com a Seleção Olímpica, dos Estados Unidos. O terceiro com a Seleção da Itália. O quarto lugar, com a Seleção do Canadá.

Só a equipe da Prudentina era de um clube social. As demais vencedoras, eram seleções de

seus países. Formação básica da Apea: Hortência, Beverly, Solange, Neca, Rosemary, Vanira, Cristina, Vânia, Eronides e Fátima. Técnico, Antônio Carlos Vendramini. Dirigente, Antônio de Figueiredo Feitosa. Chefe da delegação que foi a Taipé, Antônio Martinho Fernandes. Médico, Ramon Canno Garcia.

Projeção máxima da Apea e de Presidente Prudente, decorrente de um basquetebol extraordinário. O que, entretanto, não duraria muito, a partir daquela célebre ascensão do basquetebol. Transformadas em mitos, algumas atletas começaram a interessar a outras equipes e Hortência, tratada como rainha no clube e na cidade, foi a primeira a tornar-se dissidente. Passou a exigir dinheiro em excesso, diante das propostas recebidas, por exemplo, da Minercal, de Sorocaba.

Na reunião da diretoria, em março de 1985, o começo do drama. Antônio Martinho Fernandes telefonou de São paulo, para onde tinha viajado junto com Antônio Macca, informando que segundo Hortência, ela havia recebido da Minercal, proposta de assinatura de um contrato de Cr\$ 100 milhões de luvas e Cr\$ 10 milhões

por mês. Somente por valores iguais, continuaria jogando na Prudentina.

Martinho (Nico) se mostrava aborrecido, porque Hortência se comprometera a aguardar até 10 de abril, data em que a futura diretoria da Apea seria empossada e decidiria as normas do novo contrato. Mas Hortência se antecipou aos fatos, sem levar em conta o tratamento dado a ela em Presidente Prudente, incluindo o favorecimento da compra de um automóvel a preço de custo e com o número 4 na placa, conforme exigência da atleta.

Os dois enviados da Prudentina a São Paulo, ofereceram a Hortência, luvas de Cr\$ 50 milhões e salário mensal de Cr\$ 8,5 milhões. Ela achou pouco. A diretoria executiva liderada por Aloysio Dias Campos, considerava impossível concordar com a proposta da jogadora, que deveria ser no mínimo igual a da Minercal, da cidade de Sorocaba. Ainda porque os gastos com o último campeonato, se aproximaram dos Cr\$ 70 milhões, recursos obtidos extra-clube, ou seja, com a ajuda do comércio, indústria e outros segmentos de Presidente Prudente.

Feliciano Ribeiro, que substituiria Aloysio Dias Campos na presidência da Apea, a partir de 10 de abril, opinava que somente com um grande time, o clube deveria participar de outros certames oficiais. O assunto voltou a ser tratado em nova assembléia, dia 9 de março de 1985, pelos diretores Adalberto Lopes Pereira, Antônio de Figueiredo Feitosa, Antônio Martinho Fernandes, Antônio Plácido Pereira, Armando Ruiz, Deodato da Silva, Faradei Bôscoli, Laert Bueno Júnior, Laudério Leonardo Botigelli, Luiz Reina, Paulo Alberto Martinez, Pedro de Almeida Nogueira, Casemiro Acilon de Alencar, Antônio Macca, Aloysio Dias Campos (que presidiu a reunião), e o futuro presidente, Feliciano Ribeiro.

Aloysio logo disse entender que não seria lícito renovar o contrato de Hortência, à sua maneira, e deixar a dívida para a diretoria seguinte. Na sequência das discussões Hortência-Minercal, ficou acertado que a atleta ganharia Cr\$ 100 milhões de luvas, Cr\$ 10 milhões de salários nos primeiros seis meses do contrato e após esse período, Cr\$ 15 milhões por mês, não aceitando os Cr\$ 50 milhões de luvas e Cr\$ 8,5 milhões

mensais oferecidos pela Prudentina. Deixaria a equipe que a consagrou.

Jogar em Sorocaba tinha mais um sabor para Hortência. Estaria próxima do atleta Maurício, do voleibol da Pirelli, com quem pensava casar-se. Na mesma assembléia, Antônio de Figueiredo Feitosa contou que havia feito as primeiras tentativas de entendimento com Hortência, frustrou-se e transferiu a missão para os colegas de diretoria, Antônio Martinho Fernandes e Antônio Macca.

A atleta continuou irreduzível, frente ainda a propostas ouvidas das equipes do Santa Maria, de São Bernardo do Campo e da Pirelli, de São Caetano do Sul, todas elas vantajosas, mesmo não chegando ao nível da Minercal. O diretor Laudério Leonardo Botigelli chegou a sugerir pagar salário de Cr\$ 20 a Cr\$ 25 milhões a jogadora, através de patrocínios e compatibilidade de caixa, dispensando-se as luvas. Só que isso se consolidaria, se Hortência comparecesse à Prudentina até quarta-feira da semana seguinte, o que lhe foi comunicado por meio de carta com aviso de recebimento.

Ao ser empossado na presidência da Apea, Feliciano Ribeiro encontrou o impasse sem solução, porém uma imensa vontade de resolvê-lo. E não houve saída diferente. A equipe continuou jogando basquetebol, inclusive com participação da norte-americana Beverly. Sobreviveu até aquele ano de 1985, o da dissidência irredutível de Hortência, que a Prudentina transformou em "rainha". As atenções maiores ficaram com a parte social e o clube registrou novas fases de crescimento, continuando a projetar-se além das fronteiras do país.

Em 1997, ano em que foram comemorados os 61 anos de fundação da Prudentina, o clube ganhou mais uma benfeitoria notável, conforme está no capítulo seguinte. Obras que concorrem decididamente para sua consolidação definitiva na lista dos clubes mais conceituados do Brasil. Uma jornada colossal até aqui. Jornada que nunca termina, firmada nas lições deixadas por seus fundadores em outubro de 1936.

Novas expansão interna

Um informativo tablóide, editado dia 18 de outubro de 1997, coincidindo com as homenagens aos 61 anos do clube, destaca: "A Apea sempre realizou grandes eventos, alguns tradicionais na cidade, como o carnaval e as festas de aniversário. Tais acontecimentos recebem a cada edição mais associados e convidados, de Prudente e região que conhecem o valor do clube e a qualidade dos eventos realizados em sua sede social. Daí surgiu a necessidade de ampliar o salão de festas e reformar a cozinha, para atender melhor a todos.

Hoje, o salão de festas do segundo andar da sede social tem capacidade três vezes maior. O mesmo local que comportava 200 pessoas, agora

pode receber cerca de 600, sem contar as melhorias realizadas na estrutura de atendimento. O piso foi trocado e agora é de granilite, um material nobre, que deixa o ambiente bem mais agradável e bonito. Nas paredes foram colocados espelhos, o que permite uma maior amplitude do salão.

A iluminação é especial, tornando o ambiente aconchegante. Os vidros são importados, em cor azul, reflexivos, ou seja, que refletem os raios solares, não deixando-os entrar no salão. Esse recurso vai amenizar as altas temperaturas próprias da cidade. As escadas de acesso também foram reformadas. Os degraus que antes eram revestidos com carpete, agora são de granito, combinando com o piso do salão.

A cozinha

Juntamente com o salão, foi construída uma nova cozinha, maior que a antiga e com estrutura moderna e completa, o que possibilitará um

melhor atendimento durante a realização de eventos.

Segundo informações do presidente do clube, Antônio Martinho Fernandes, a cozinha antiga foi completamente demolida, e no lugar, construída uma totalmente nova. Possui balcão em granito e a estrutura inclui freezers, armários e pias em aço inoxidável.

Novo paisagismo

A Apea não está ganhando apenas melhorias nas construções de concreto. Os jardins também estão sendo totalmente remodelados de maneira a tornar mais agradáveis os ambientes externos do clube. No início da administração atual, alguns viveiros da cidade, em conjunto com profissionais da área, entre paisagistas e arquitetos,

desenharam um projeto para a área verde da Prudentina. Segundo o presidente do clube, o objetivo é dar um colorido diferente ao clube, que já possui uma grande área verde.

Nos jardins internos, a escolha das mudas prioriza as cores do clube, vermelho e branco (atuais). O projeto inclui também a parte externa. Foram plantadas heras, que deixarão os muros em torno do clube totalmente verdes, e palmeiras imperiais. Deverão ser plantadas ainda, coroas de cristo, com flores vermelhas, confirmando as cores da Prudentina. Nas calçadas, as pedras que já existem na parte da frente da Apea, serão ampliadas por toda a sua extensão" (18-10-1997).

Galerias de fotos e troféus

O mesmo informativo de 18 de outubro de 1997, ressalva que dentro das reformas na

Prudentina, foram instaladas duas galerias, uma de troféus e outra de fotos de todos os ex-presidentes do clube. Esta última surgiu da idéia de mostrar aos associados quem foram os construtores do notável empreendimento, ao longo dos 61 anos de fundação. Também na avaliação do autor da reportagem, um dos melhores e mais bem estruturados clubes esportivos de São Paulo e talvez do Brasil.

As duas galerias ficam numa sala contígua à secretaria. Os quadros (com reprodução das fotos) são pintados em tela sobre óleo. Os troféus expostos ao público estavam guardados em local onde os sócios não tinham acesso, o que os levava a ignorar as imagens das conquistas realizadas pela Apea. Mas como seu número é grande, somente os principais foram colocados na galeria.

Uma história de glórias

O tablóide especial resume assim a trajetória da Prudentina, nos 61 anos de fundação: "O que era apenas uma equipe de basquete masculino tornou-se o maior clube esportivo do Estado de São Paulo. A Apea nasceu em 1936, e 26 de outubro daquele ano, foi seu primeiro dia de vida. Depois disso, o clube foi crescendo e acumulando títulos conseguidos em diversas competições.

Mantendo sempre uma equipe de basquete, o clube foi campeão de uma série de jogos ao longo desses 61 anos. Se fossem juntadas todas as equipes que passaram pela Apea durante esse tempo, estariam reunidas as maiores estrelas do esporte no país e até algumas internacionais.

Fizeram parte da equipe de basquete da Apea, jogadoras como Hortência, Tuty, Solange, Jussara

e até a norte-americana Beverly. O clube foi o primeiro a trazer uma estrangeira para jogar no país.

O futebol também recebeu grande incentivo por parte dos administradores da Apea. A primeira equipe montada em 1945, já foi motivo de orgulho. Os times reuniram os maiores craques do futebol paulista e nacional. Nos 22 anos em que a Prudentina manteve times de futebol, passaram pelo seu estádio, entre muitos outros, jogadores do nível de Glauco, Paraguaio, Celso Paiane, Fernandinho, Flávio Pastor, Ademar Pantera, Picasso, Lorico, Cláudio e Rubens.

O futebol foi responsável por títulos importantes, como o de campeão da Primeira Divisão, em 1960. Ainda hoje o clube mantém a tradição de possuir entre suas equipes esportivas, as maiores e mais bem preparadas de todo Estado. Prova maior dessa afirmação é a contribuição que prestou a Presidente Prudente nos últimos Jogos Regionais, realizados na cidade de Assis em julho deste ano.

Atualmente o clube mantém em treinamento equipes de karatê e judô, masculino e feminino, com atletas que se destacam em competições

paulistas, brasileiras e internacionais. Natação em todas as categorias. Um dos últimos destaques da Apea nesse esporte foi Laureane Nunes Masi, que devido ao seu excelente desempenho no campeonato brasileiro, foi convidada a integrar a seleção brasileira de natação. A Prudentina mantém ainda vôlei, tênis de campo, boliche e basquetebol". (18-10-1997).

Presidentes desde a fundação, em 26 de
outubro de 1936

Adalberto Goulart (26-10-1936/20-7-1939);
Waldemar Faria Motta (21-7-1939/5-10-1940);
José Calabretta (6-20-1940/20-12-1941); Américo
Tiezzi (21-12-1941/15-8-1945); José Vicente (16-
8-1945/26-11-1945); Anníbal Pimenta (27-11-
1945/30-9-1946); Altair Werneck de Senna (1º-
10-1946/3-9-1947); Octávio Ferreira Braga (4-9-
1947/19-2-1948); Geraldo Cunha (20-2-1948/6-8-
1950); Félix Ribeiro Marcondes (7-8-1950/10-2-
1952); Juarez Nobre (11-2-1952/11-5-1952); José
Vicente (12-5-1952/26-12-1953); Altair Werneck
de Senna (27-12-1953/5-4-1956); Eduardo
Andreasi (6-4-1956/12-7-1956); Ary Ferreira da
Costa (13-7-1956/21-9-1956); Onofre Gulin (22-
9-1956/27-1-1957); Moacyr Marangoni (28-1-
1957/28-7-1957); Félix Ribeiro Marcondes (29-7-
1957-24-4-1967); Luiz Peretti (25-4-1967/31-3-
1969); Fernando Pereira da Silva (1-4-1969/31-3-
1971); Moacyr Miranda (1-4-1971-31-3-1981);
Osmar de Jesus Di Colla (1-4-1981/31-3-1983);
Aloysio Dias Campos (1-4-1983/31-3-1985);

Feliciano Ribeiro (1º-4-1985/31-3-1987);
Deodato da Silva (1º-4-1987/31-3-1989); Pedro
de Almeida Nogueira (1º-4-1989-31-3-1991);
Osmar Marchiotto (1-4-1991/31-3-1993);
Antônio Martinho Fernandes (1-4-1993/31-3-
1995); Hélio Perdomo (1-4-1995/31-3-1997).

Diretoria executiva, gestão 1997/99

Presidente, Antônio Martinho Fernandes
Vice-presidente, Eldolar Ferreira Pirondi
Primeiro secretário, Pedro Tortorella de Andrade
Segundo secretário, Cesar Sawaia Neves
Primeiro tesoureiro, Antônio Julião
Segundo tesoureiro, Augusto Ferreira Ayres Filho
Diretor de patrimônio, Leandro Pereira Logullo
Diretor de esportes, Eduardo Ferreira Branco
Diretor cultural, Domingos Tizziani Neto
Diretor social, Carlos Henrique Martins Silveira

Conselho Fiscal (1997/99)

Fiscais efetivos: Irineu Sesti Filho, José Roberto Martins,
Claudio Roberto R. de Campos.
Fiscais suplentes: Honorly Mondini, Wilson dos Santos
Larqueza, Vandik Souza Fernandes.

Diretores de departamento (1997/99)

Karatê, Edson Magalhães Cortez
Futebol (adulto), Clovis de Oliveira
Futebol (veteranos), Charles Aparecido Pinto
Carteado, José Hamilton Escobar Bonfin
Sauna feminina, Maria T.V. Padilha
Sauna masculina, Plínio Ribeiro Franco
Fisiocultura, Osvaldo Torino
Vôlei, Antônio Celso Bernini
Bocha, Dilermano Travessa
Natação, Francisco José Vieira Souza Alves
Natação, Osvaldo Vila Real
Natação, Elisa Jamamar
Sum, Adilson Dias Marangoni
Judô, Antônio Sergio Campaner
Tênis, Angelo Getúlio Franca

Comissão disciplinar (1997/99)

Diretores efetivos: Osmar Célio Forte, Wilson Souza Nogueira Filho, Dirceu Azenha Casanova.

Suplentes (1997/2003)

Áureo Antônio Scolari, José Roberto Bueno, Darci Mussa, Luiz Carlos Caldeira, Charles Aparecido Pinto, José Roberto Molitor, Jailton João Santiago, Osvaldo Branco.

Suplentes em exercício (1997/2003)

Osvaldo Torino, Francisco José Vieira Souza Alves

Conselheiros (1997/2003)

Antônio Servantes, Geraldo Queiroz de Araujo, Laert Bueno Júnior, Osmar Marchiotto, Osvaldo Rodrigues, Dalmir Vincoletto, Alcides Pessoa Lourenço, Ari Alves de Oliveira Filho, Irineu Dyonisio Cavallari, Luiz Augusto Tenório de Siqueira, Manuel Carlos de Moraes Guerra, Thirso Aparecido Marconi, Abrão Jorge Kater, Jamil Elias Kahale, Onofre Cleuber Sassi, Sergio Rodrigues, José da Silva, Esmeraldo Pappotti.

Conselheiros (1995/2001)

Alcides Pessoa Lourenço, Aloysio Dias Campos, Anacleto Gino dos Santos, Antônio Gabriel de Lima, Bento Eugênio Turesso, Carlos Ernesto de Paula, Dorival Pavezi, Emerson Zampieri Burneiko, Hamilton José de Souza, Heráclito Alves Ribeiro, Jaime Trevisan, José Paulo Herrera, José Roberto Rodrigues, Leonardo Sanches, Pedro Bernardes Sotello, Roberto Bernardo Azevedo, Roberto Lafranchi, Geraldo Rezende Castro.

Suplentes em exercício (1995/2001)

Sergio Roberto Cezario, Valter Luiz dos Santos.

Suplentes (1995/2001)

Afrânio de Souza Campos, Sergio Antônio Rocha, Antônio Batista de Oliveira, Edison Alves Oliva, Arthur da Conceição Marques.

Conselheiros (1993/99)

Antônio Martinho Fernandes, Júlio Adauto Tiezzi, Manoel Dionísio Filho, Eldolar Ferreira Pirondi, Roberto Gurgel de Oliveira, Oscar Akira Oda, Antônio Morais de Araújo, Roberto Donadi, Elias Campos Sales, Oscar Stéfano Fioravante, Domingos Tizziani Neto, Artur Baratella, Welington Marcondes Cordeiro, Antônio Obson Martins, Alcides Manfio, Adilson Dias Marangoni, Sidnei Peretti.

Suplentes (1993/99)

Paulo José dos Santos Júnior, Antônio Perdomo Orrigo, José Vitório Sylla, Sílvio Bizelli, Benito Marques Franco, Dilermando Travessa.

Presidentes do conselho deliberativo

Plínio de Arruda Armelin (16-1-1961/31-3-1967); Antônio Servantes (1-4-1967/31-3-1981); Ênio Rodrigues Maia (1-4-1981/31-3-1983); Júlio Aduino Tiezzi (1-4-1983/31-3-1985). Deodato da Silva (1-4-1985/31-3-1987); Pedro de Almeida Nogueira (1-4-1987/31-3-1989); Alcides Pessoa Lourenço (1-4-1989/31-3-1995); Antônio Martinho Fernandes (1º-4-1995/31-3-1997).

Renovação

Na sua administração contemporânea, a Prudentina começou a viver mudanças intensas, a partir de 1981. Nesse ano, Moacir Miranda deixou a presidência, marcando como obra principal do seu trabalho, a construção do ginásio de esportes e da sauna. Para substituí-lo, foi lançada a candidatura de Osmar de Jesus Di Colla, que venceu as eleições, com vitória também dos seguintes membros do conselho deliberativo, com gestão para o período de 1981 a 1987:

Adalberto Lopes Pereira, Aloysio Dias Campos, Antônio Martinho Fernandes, Aquiles Ferreira, Benedito Faustino, Carlos Antônio Bertocco, Cassemiro Acilon Alencar Gondin, Claudemir Jefferson Damato, Deodato da Silva, Jarcedy Machado, João Bosco de Lima Cesar, José da Silva, José Gomes Vilar, Júlio Aduino Tiezzi, Kioji Takigawa, Márcio Antônio Teixeira, Nestor Madeiral, Renato Severino da Silva, Waldemar Cavalli e Walter Affonso.

Surge um grande complexo de obras

O projeto renovação, de fato, logo passou a atender o que foi prometido. A diretoria presidida por Osmar de Jesus Di Colla, construiu a quadra de tenis e a bocha. O grupo liderado por Aloysio Dias Campos, construiu o campo de futebol suíço, o balneário e a boatinha. Já a gestão de Feliciano Ribeiro apresentou como obra principal, a iniciação da informatização do clube. Deodato da Silva implantou o Sum. Pedro de Almeida Nogueira não conseguiu sobressair-se em realizações, mas seu substituto, Osmar Marchiotto, retomou o plano de grandes obras.

Na administração de Marchiotto e sua diretoria, foram construídos os vestiários masculino e feminino, a ala administrativa e a secretaria. Restava a edificação da nova sede social, um dos maiores desafios. E coube à diretoria presidida por Antônio Martinho Fernandes (1º-4-1993/31-3-1995), assumir o projeto, erguendo a magnífica sede em 11 meses e 23 dias, a um custo de R\$ 686.000,00.

Vencido o mandato de Martinho Fernandes, seu lugar na presidência foi ocupado por Helio Perdomo, não havendo registro de obras influentes no seu período, encerrado dia 31-3-1997. Novamente Antônio Martinho Fernandes voltou ao cargo, assessorado pela diretoria descrita anteriormente.

Sobre o autor.

Foi repórter do jornal O Estado de S. Paulo e revista Veja. Obras publicadas: O Caminho do Peabiru e os grandes roteiros históricos. Mercosul, conflitos que dificultam a integração. O café no Norte do Paraná, ascensão e queda. Antônio Sandoval Netto, cidadão de Presidente Prudente. Hiroshi Yoshio, o imigrante que se tornou um mestre da pecuária no Brasil. Florivaldo Leal, jornada interrompida.

Próximo lançamento: Diagnóstico econômico e histórico da Alta Sorocabana.

**Valderi Santos, pesquisa de história.
Av. José Soares Marcondes, 983, sala 62,
Presidente Prudente (SP).
Cep 19010-080
Fone/fax (018) 221-1802.**

Índice

Um grupo de homens notáveis fundou a Prudentina	2
Diretoria dá ênfase ao basquete	10
Prudentina organiza primeiro campeonato de bola ao cesto	18
Associados pedem que o futebol também seja forte	26
Diretores emprestam dinheiro para melhorar caixa do clube	38
Rigor com os gastos	46
Esforços para manter o futebol	51
Não era fácil tocar o futebol	68
Futebol se recupera e ganha destaque nacional	76
Destaques	83
Campeã da série Carvalho Pinto	86
Na divisão especial	89
A queda do futebol	97
Inconformismo com a queda do futebol	105
Em 1985, a extinção do basquetebol	110
Nova expansão interna	121
Novo paisagismo	126
Galerias de fotos e troféus	129
Uma história de glórias	132
Presidentes desde a fundação, em 26 de outubro de 1936	137
Renovação	146
Surge um grande complexo de obras	148
Sobre o autor	150